

RETIRADA PARCIAL RUSSA

Líderes ocidentais veem sinais positivos em anúncio do Kremlin, mas querem confirmação

JUSSARA SOARES
Enviada especial
jussara.soares@globo.com.br
MOSCOU

O governo da Rússia anunciou ontem o retorno às bases de parte de suas tropas após exercícios na região de fronteira com a Ucrânia, mas a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e os EUA disseram ainda não terem visto nenhuma indicação de desescalada que possa evitar um conflito. Apesar disso, o anúncio russo foi recebido como um sinal positivo por líderes ocidentais, que, no entanto, esperam confirmação da retirada e ações que confirmem as repetidas propostas de diálogo do Kremlin.

— Unidades dos distritos militares do Sul e Oeste que completaram suas missões já começaram a embarcar no transporte ferroviário e automobilístico e começarão a retornar para suas

guarnições hoje. Unidades separadas marcharão a pé como parte do comboio militar — disse o porta-voz do Ministério da Defesa russo, Igor Konashenkov, em entrevista à agência Interfax.

O anúncio da retirada militar, que ocorreu pouco antes da chegada do presidente Jair Bolsonaro a Moscou, foi o primeiro sinal de que a Rússia pode estar pronta para reverter parte do destacamento de mais de 100 mil soldados perto da fronteira com a Ucrânia, que levou países ocidentais a alertarem para uma invasão iminente do país.

Não está claro, porém, quantos soldados serão retirados. A Rússia já anunciou outras vezes a remoção de tropas perto da fronteira ucraniana, sem que, nos dias posteriores, fotos de satélite indicassem uma efetiva diminuição no número de forças. E o próprio governo russo admite que a maioria das

forças permanece mobilizada em uma série de exercícios em larga escala para treinamento operacional de tropas.

'OTIMISMO CAUTELOSO'

Em pronunciamento horas depois do anúncio da retirada parcial, durante a tarde de ontem, o presidente americano Joe Biden disse que o anúncio é "bom", mas pontuou que o retorno de parte das tropas ainda não foi confirmada.

— Nossos analistas indicam que elas [tropas russas] seguem em uma posição muito ameaçadora — afirmou Biden, dizendo que o número de soldados próximos à fronteira com a Ucrânia está estimado em 150 mil e que, caso a Rússia ataque, as sanções "estão prontas". — Estamos prontos para responder decisivamente um ataque da Rússia na Ucrânia, o que permanece como possibilidade.

Biden disse, ainda, que os

EUA "não estão procurando confronto direto com a Rússia" e voltou a afirmar que "é preciso dar todas as oportunidades à diplomacia".

Mais cedo, em conversa telefônica, o presidente da França, Emmanuel Macron, e Biden defenderam mecanismos de verificação das alegações russas, mas destacaram que o anúncio da retirada parcial era um "sinal alentador", segundo nota do Palácio do Eliseu.

Por sua vez, o chanceler da Ucrânia, Dmytro Kuleba, afirmou que só acreditará no que diz o Kremlin quando vir a retirada das tropas.

— Temos uma regra: não acredite no que ouve, acredite no que vê — disse ele a jornalistas. — Quando vírmos uma retirada, vamos acreditar em uma redução de forças.

O secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Jens Stoltenberg, disse perceber sinais

de que "Moscou quer manter o diálogo" e que é possível ter um "otimismo cauteloso".

— Mas não vimos uma redução de forças na prática. Tudo ainda está no lugar para um novo ataque contra a Ucrânia — disse Stoltenberg, em referência à anexação da Crimeia pela Rússia em 2014.

'DIÁLOGO PRAGMÁTICO'

Mais tarde, o chanceler russo, Sergei Lavrov, e o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, conversaram por telefone. De acordo com a Chancelaria russa, os dois falaram sobre as propostas americanas e da Otan para as garantias de segurança exigidas por Moscou, e Lavrov reclamou da "retórica agressiva" de Washington, defendendo ainda um "diálogo pragmático".

Já Blinken, de acordo com o Departamento de Estado, defendeu que sejam dados sinais concretos de que a Rússia está

trabalhando para reduzir as tensões. Ele ainda declarou que o seu governo está comprometido em buscar uma solução diplomática para o impasse, mas declarou que haverá uma resposta "dura e severa" no caso de uma invasão.

O rublo e as bolsas europeias subiram após o anúncio, o que indica a expectativa de investidores de uma atenuação da crise.

Também ontem, a Duma, a Câmara Baixa do Parlamento russo, aprovou medida que pede a Putin que reconheça a independência das autoproclamadas Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk, duas áreas controladas por separatistas pró-Moscou no Leste ucraniano. Embora ainda não seja considerada oficialmente pelo Kremlin, a decisão pode elevar as tensões em torno da crise, da qual o destino das duas regiões faz parte.

'HISTERIA' OCIDENTAL

Em 2015, França e Alemanha mediarão os Acordos de Minsk, um conjunto de medidas que serviriam como um "mapa do caminho" para pôr fim ao conflito no Leste ucraniano. Os acordos incluem, além de um cessar-fogo a ser observado por separatistas e forças do governo da Ucrânia, conversas para o estabelecimento de autonomia regional, mas jamais foram cumpridos na totalidade. Tanto a Ucrânia quanto governos ocidentais ontem rejeitaram a proposta da Duma.

Por sua vez, o Ministério da Defesa russo anunciou planos de exercícios navais no Mediterrâneo, com o envio de bombardeiros e jatos equipados com mísseis hipersônicos para a base do país na Síria.

Em meio ao anúncio de retirada parcial das tropas, representantes do governo russo acusaram líderes do Ocidente de "histeria" por sugerir que uma guerra teria início na região. (Colaboraram André Duchiate e Filipe Barini)



Manobrando. Militar orienta passagem de tanques que o Ministério da Defesa russo diz estarem retornando às suas bases após exercícios conjuntos com as forças da Bielorrússia perto da Ucrânia

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 16